

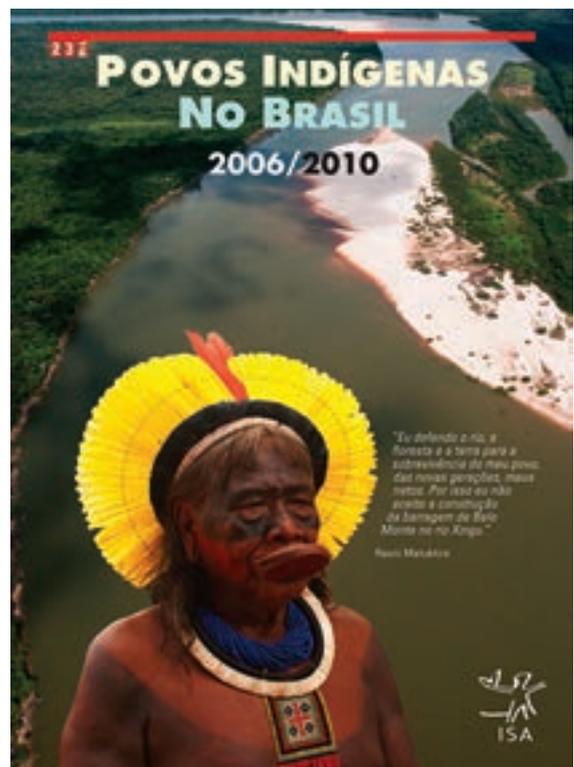


© CLAUDIO TVARES/ISA

LANÇAMENTO

Povos Indígenas no Brasil 2006/2010

Referência sobre a questão indígena no Brasil, a décima primeira edição da publicação, lançada em novembro, traz na capa o cacique kayapó Raoni, que desde a década de 1980 ergue sua voz em críticas contundentes contra a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, na Volta Grande do Rio Xingu (PA). O livro abrange o período de 2006 a 2010 e tem 778 páginas • P.23





Instrutor mostra técnicas de escalada para auxiliar na coleta

Coletores de sementes do Pará e do Mato Grosso trocam experiências

Realizada pelo Instituto Socioambiental, pelo Instituto de Desenvolvimento Florestal do Estado do Pará e pela Rede de Sementes do Xingu, em novembro, a oficina reuniu em Altamira (PA) ribeirinhos, extrativistas, coletores de sementes do Mato Grosso e do Pará, universitários e representantes de instituições locais que trabalham com recuperação de áreas degradadas. O grupo de cerca de 50 pessoas compartilhou experiências e conheceu novas alternativas econômicas de geração de renda.

A Oficina de Manejo de Sementes Florestais apresentou técnicas de coleta de sementes, armazenamento, produção de mudas e contou com instrutores que mostraram técnicas de escalada para auxiliar na coleta. Também comercialização e precificação fizeram parte da oficina. Muitos dos participantes enxergaram novas perspectivas e possibilidades a serem levadas para suas comunidades.

O encontro foi pensado para aprimorar técnicas de coleta, armazenamento e estrutura de gestão com o objetivo de suprir uma demanda por sementes que está surgindo naquela região do Pará. A

experiência da Rede de Sementes do Xingu, que teve início em 2007 na região das cabeceiras do Rio Xingu, é preciosa. A rede hoje conta com mais de 300 coletores, em um trabalho que vem contribuindo de forma sistemática para a recuperação das matas ciliares na Bacia do Rio Xingu. Até a safra de 2010, a rede comercializou 53 toneladas de sementes, gerando R\$ 459 mil de renda para seus participantes.

A experiência mato-grossense contribuiu para indicar caminhos para o trabalho que vem sendo desenvolvido em Altamira. Além das técnicas de coleta e limpeza de sementes, o método desenvolvido pela Rede de Sementes do Xingu, com a contribuição de outras redes de sementes florestais para colocar preço nas espécies colhidas, foi o ponto alto do encontro. Também os problemas com o armazenamento foram bastante discutidos. Ao final ficou acordado que os extrativistas, com auxílio das instituições parceiras, darão continuidade ao trabalho iniciado na oficina para ver a possibilidade de integrarem a Rede de Sementes do Xingu com as espécies daquela região do Pará. Entre os trabalhos estão a identificação da oferta e demanda de sementes e a precificação das que forem coletadas.

SAIBA MAIS EM:

www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3466

II Expedição de Restauração Florestal percorre as cabeceiras do Xingu

Em outubro, o ISA promoveu a segunda edição da expedição com o objetivo de estimular a discussão sobre as técnicas de recuperação de áreas degradadas que estão sendo aplicadas em Canarana (MT) e região.

Durante seis dias, 28 participantes de 24 instituições espalhadas por oito estados brasileiros, incluindo técnicos, pesquisadores, representantes de instituições públicas e de ONGs, percorreram aproximadamente 1,3 mil quilômetros entre os municípios de Canarana, Querência e São José do Xingu, em Mato Grosso, para conhecer o conjunto de técnicas e arranjos institucionais aplicados e trabalhados pela equipe do ISA na restauração de áreas degradadas na Bacia do Xingu. Foram visitadas sete propriedades rurais. A II Expedição de Restauração Florestal das Cabeceiras do Xingu contribuiu para o aprimoramento do trabalho desenvolvido na região ao longo de seis anos pela Campanha Y Ikatu Xingu. Nesse tempo, mais de dois mil hectares entraram em processo de restauração na região da BR-158.

Os participantes puderam observar a evolução da vegetação com a utilização da técnica da semeadura direta e acompanharam um plantio, realizado no Projeto de Assentamento Suiá, o primeiro de Canarana, com 80 lotes. A equipe do ISA mostrou o preparo da muvuca – mistura de sementes – e o plantio mecanizado utilizando o vincón, uma lançadeira de adubo. A demonstração foi feita em uma área de 0,8 hectare. Para isso foram utilizados 98 quilos de muvuca, sendo 33 de sementes e 65 de areia. Em menos de 30 minutos, a área estava semeada, inclusive com o uso da niveladora para enterrar as sementes.

A equipe do ISA compartilhou os desafios que estão sendo enfrentados e muitas contribuições surgiram, como o melhoramento da muvuca, o aumento na exploração de espécies que nascem com maior facilidade, o aprimoramento da seme-

adura direta e a otimização do monitoramento para melhor manejo das áreas. Outra questão indicada pelos participantes é a falta de políticas públicas que norteiem o trabalho da restauração ambiental. Ao final, os participantes sugeriram que o encontro se tornasse permanente e itinerante, possibilitando que todos conheçam os projetos que vêm sendo desenvolvidos na recuperação de áreas degradadas em diferentes biomas pelas instituições convidadas para o encontro. Além disso, todos foram convidados a fazer parte da Rede Brasileira de Restauração Ecológica (Rebre) – uma rede em processo de construção que visa estimular a conversa entre os praticantes de restauração no Brasil.



No alto, o grupo faz anotações sobre as técnicas utilizadas; acima, o sr. Amandio Micolino, um dos primeiros “restauradores” de Canarana

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3431

Oficinas de pesca no Médio Rio Negro detalham recomendações

Realizadas em Barcelos e em Santa Isabel do Rio Negro em setembro, as oficinas de trabalho apontaram resultados de um mapeamento participativo e recomendações sobre conflitos e sobreposição de atividades e interesses associados às diferentes modalidades de pesca. Concluiu-se que o comprometimento de órgãos públicos, a mobilização e articulação dos atores locais é o que definirá o avanço na construção de acordos e termos de conduta e a possibilidade real da execução de políticas públicas para o ordenamento pesqueiro na região do Médio Rio Negro.

Os conflitos por acesso aos recursos pesqueiros têm sido destaque nas discussões sobre a região. Os moradores, os pescadores, os membros da Colônia de Pescadores Z-33 de Barcelos e da Associação de Pescadores de Santa Isabel

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3415

do Rio Negro, os turistas e as operadoras de turismo da pesca esportiva vêm relatando as dificuldades que enfrentam com a desorganização das atividades, a diminuição do estoque pesqueiro e os prejuízos que a falta de regulamentação e fiscalização têm gerado. As oficinas tiveram a participação da Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas (SDS), do Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (Ipaam), da Secretaria de Estado para os Povos Indígenas (Seind), do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), de moradores das comunidades indígenas e ribeirinhas, pescadores profissionais e operadoras locais de turismo da pesca esportiva. As oficinas foram realizadas pelo ISA em parceria com a Associação Indígena de Barcelos (Asiba) e Associação das Comunidades Indígenas do Médio Rio Negro (Acimrn) e apoio da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn) e das prefeituras de Barcelos e Sta. Isabel.

ISA e Foirn sistematizam experiência com educação escolar indígena

Em reunião realizada em São Gabriel da Cachoeira, o grupo que desde 2009 está construindo um programa de educação escolar indígena diferenciado e debatendo a criação de um instituto de conhecimentos indígenas no Rio Negro, sistematizou 15 anos de experiências com educação escolar na região. Os cerca

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3386

de 60 participantes avaliaram resultados de consulta ampliada realizada por mobilizadores indígenas nas calhas do rio, organizaram demandas e relacionaram as recomendações das comunidades sobre o Programa de Formação Superior Indígena, que tem apoio do Instituto Arapyaú.

Para dar conta de todas as demandas apresentadas, elas foram organizadas em três eixos:

- ✓ Programa de Formação Avançada-Aprofundada do Rio Negro e Instituto de Conhecimentos Indígenas dos Povos do Rio Negro;
- ✓ Educação Básica com foco no Ensino Médio Profissionalizante;
- ✓ Universidades: bacharelado/licenciaturas regulares e licenciaturas interculturais.

O processo deve continuar na região por mais um ano, e nesse período serão consolidadas as discussões que irão encadear a construção do Programa de Formação Avançada-Aprofundada Indígena do Rio Negro, a organização da equipe de parceiros e a busca por apoio financeiro para a sua implantação.



© LUCIA ABERNETHY DE ANDRADE/ISA

Mobilizadores indígenas em reunião de trabalho na sede do ISA



Altar da Romaria de São Gonçalo, forma de expressão cultural do quilombo de Porto Velho

Inventário do patrimônio cultural quilombola do Vale do Ribeira mostra necessidade de salvaguarda

Os resultados de quase dois anos de levantamento e sistematização dos bens culturais desenvolvidos pelo Programa Vale do Ribeira, com a participação ativa de agentes culturais locais, foram apresentados em seminário, em outubro, para cerca de 60 representantes dos 16 quilombos participantes e de instituições parceiras. Além de mostrar os resultados do projeto, os representantes discutiram ações futuras para proteção do patrimônio cultural. Participaram do evento o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a Equipe de Articulação e Assessoria das Comunidades Negras do Vale do Ribeira (Eaacone) e o Centro Cultural da Espanha em São Paulo (Aecid).

A coordenadora técnica do projeto, Anna Maria Andrade, do ISA, fez a apresentação a partir de considerações teórico-metodológicas e processos. Os agentes culturais relataram suas experiências como pesquisadores, e destacaram a importância de alguns dos bens de suas comunidades. A exibição do vídeo feito durante o inventário, que reúne imagens de bens culturais dos 16 quilombos, foi o ponto alto do seminário: emocionados com a riqueza das imagens do patrimônio, os quilombolas exaltaram a importância de suas tradições e

lamentaram a perda de alguns bens que ainda ocorrem em algumas comunidades.

Foram mapeados 170 diferentes bens culturais e aplicados 530 questionários. Os bens foram classificados nas cinco categorias previstas na metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a saber: Ofícios e Modos de Fazer; Celebrações; Formas de Expressão, Lugares e Edificações.

Pesquisadoras do Iphan de São Paulo e de Brasília apresentaram a política de salvaguarda de bens culturais imateriais. Considerando o inventário como a primeira etapa no processo de patrimonialização, o foco recaiu sobre as ações e procedimentos de registro e fomento.

Divididos em grupos de trabalho, os quilombolas refletiram coletivamente sobre a importância de criar mecanismos de proteção e fortalecimento do patrimônio cultural e apresentaram suas recomendações e demandas. Ficou clara a necessidade de dar continuidade aos trabalhos relacionados ao patrimônio cultural e de elaborar planos de ação para a sua salvaguarda.

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3434

Casa do Mel é inaugurada no quilombo de Porto Velho

Os quilombolas de Porto Velho, em Iporanga, no Vale do Ribeira (SP), inauguraram em outubro a Unidade de Beneficiamento do Mel que vai fortalecer a geração de renda na comunidade. A Casa do Mel é resultado de um projeto iniciado em 2007, que envolveu a comunidade, o ISA, o Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp) e a Equipe de Articulação e Assessoria das Comunidades Negras do Vale do Ribeira (Eaacone), com financiamento da Fundação Banco do Brasil e da cooperação italiana por meio do Movimento per l'Autosviluppo, l'Interscambio e la Solidarietà (Mais). O objetivo é incrementar a produção melífera nos quilombos do Vale do Ribeira.

À celebração de uma missa na igreja da comunidade seguiu-se a solenidade de abertura, com a presença dos

parceiros e representantes da Secretaria de Justiça do Estado de São Paulo. Eles visitaram as instalações, conheceram os equipamentos e apontaram o sucesso do projeto graças à mobilização e organização da comunidade.



© JULIANA LEONE FERREIRA/ISA

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3433

Casa do Mel em Porto Velho

Quilombolas debatem impactos do turismo comunitário

Durante encontro de dois dias em novembro, representantes de 25 comunidades de oito municípios debateram os impactos do turismo comunitário e assistiram à apresentação do Dossiê de Paisagem Cultural do Vale do Ribeira. Os participantes foram divididos em grupos cujos trabalhos foram norteados por algumas questões básicas: o que se entende por turismo de base comunitária; quais as vantagens e desvantagens; e como a comunidade pode se organizar para administrar a iniciativa.

No geral as respostas foram semelhantes: o turismo tem que se dar dentro do território da comunidade e deve ser aceito por todos; deve estar focado na história, na cultura e no cotidiano das comunidades; o controle sobre as atividades turísticas é da comunidade.

No segundo dia do encontro, os quilombolas ouviram uma palestra da pesquisadora da USP, Simone Scifone sobre a chancela da paisagem cultural. Ela explicou que o tema tem a ver com a proteção da cultura e vai além do simples

tombamento. Trata-se de um espaço maior, que protege a natureza, a cultura e suas manifestações. A chancela busca criar uma rede de proteção e envolve o poder federal, estadual, municipal e a sociedade civil. O processo da chancela no Vale do Ribeira teve início em 2007 e, em 2009, 29 instituições relacionaram os principais patrimônios a serem protegidos. O Rio Ribeira de Iguape é o melhor exemplo na região como um recurso natural que serve de mediação nas relações de cultura. Apesar disso, a proposta de chancela do rio está parada desde 2009.



© MAURICIO CARVALHO/ISA

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3465

Atividade em grupo mostra importância de trabalhar em rede



© JOANA TIN FERNANDES/ISA

Jovens fazem preparo tradicional de alimentos durante encontro

Índigenas do Xingu trocam sementes de roça na aldeia Tuiararé

Entre 29/9 e 2/10, indígenas de quatro etnias do Parque do Xingu (MT) – Yudja, Kawaiwete (Kaiabi), Ikpeng e Kisêdjê – compartilharam saberes sobre roças e cuidados com a terra. Preocupados com o futuro de seus roçados, eles se reuniram na aldeia Tuiararé, dos Kawaiwete. Trocaram sementes, ensinaram e aprenderam o manuseio de novas espécies, plantaram e comeram produtos das roças do Parque do Xingu (MT).

Chamado “Encontro de Trocas de Sementes e Mudanças e de Conhecimentos sobre os Alimentos das Roças Tradicionais dos Índios do Xingu”, foi idealizado pelos jovens das quatro etnias durante um processo de formação promovido pelo ISA, focado no reconhecimento e na valorização de iniciativas socioambientais locais.

A ideia surgiu após uma pesquisa realizada pelo grupo de jovens, na qual se identificou que as roças estavam ficando pobres, e que muitos recursos haviam sido perdidos nas comunidades. Parte desse processo, apontam os índios, se deve ao contato com o “branco” e às demandas que passaram a surgir. Os jovens apresentaram os resultados do levantamento que fizeram sobre a diversidade das roças de suas aldeias, definiram suas responsabilidades e encaminharam estratégias de curto prazo para o processo de resgate, manutenção e da constante reinvenção de suas culturas. Juntas, as quatro etnias trouxeram mais de 120 produtos para a troca. Entre eles, mandioca, cará, batata-doce, milho, urucum, amendoim, feijão-fava, açafrão, inhame, algodão, abóbora, melancia,

banana, cabaça, mamão e abacaxi. Cada um dos grupos manifestou sua satisfação por ter “recuperado” alguma semente que estava faltando no seu roçado.

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3427

Curtas

► **MODELO DE ENERGIA SOLAR E EÓLICA NA RAPOSA-SERRA DO SOL.** O projeto *Cruviana*, desenvolvido pelo ISA, promoveu em outubro uma visita de cinco representantes do Conselho Indígena de Roraima (CIR) ao projeto de geração de energia solar e eólica na Ilha de Lençóis (MA). O objetivo foi mostrar aos visitantes um modelo alternativo de geração de energia, semelhante ao que poderá ser implementado na Terra Indígena Raposa-Serra do Sol. O projeto é realizado pelo Núcleo de Energias Alternativas (NEA) da Universidade Federal do Maranhão e atende a 90 famílias.

► **PESQUISADORES INDÍGENAS APRENDEM EDITORAÇÃO.** Em Barcelos, no Médio Rio Negro, o ISA e a Associação Indígena de Barcelos (Asiba) realizaram, em outubro, uma oficina de editoração de publicações para pesquisadores indígenas. Eles aprenderam a fazer um projeto gráfico, organizar o conteúdo e editar publicações, passando por todo o processo que envolve a criação de um livro, desde a seleção e tratamento das ilustrações, até a escolha das cores e do formato. A oficina foi ministrada pela designer gráfica Renata Alves de Souza e teve como objetivo organizar em livro os resultados do levantamento socioambiental de Barcelos, iniciado em 2009.

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3478 e [3430](http://www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3430)

Planejamento territorial com adequação ambiental é prioridade para comunidades quilombolas

O ISA e as comunidades quilombolas de Morro Seco e São Pedro realizaram em novembro mais uma etapa do projeto de planejamento territorial iniciado em 2011. Desenvolvido para contribuir na gestão territorial e no desenvolvimento local de forma sustentável, o processo se baseia nas demandas prioritárias das duas comunidades, levantadas na Agenda Socioambiental Quilombola do Vale do Ribeira, de 2007.

Em conjunto com as associações quilombolas, o ISA vem trabalhando para estruturar um plano de ação que contemple

o atendimento a estas demandas e a resolução de problemas relacionados ao uso de seus territórios. O projeto

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3455

tem apoio do Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) e do Centro Cultural da Espanha (Aecid). Parte de sua estratégia está alinhada com a política de adequação ambiental do Ministério do Meio Ambiente para regularizar as áreas rurais no Brasil.

A oficina contou com a colaboração do Instituto de Terras de São Paulo (Itesp) em Eldorado, do Itesp Pariquera - Açú, e da Equipe de Articulação e Assessoria às Comunidades Negras do Vale do Ribeira (Eaacone). A questão fundiária foi um dos pontos mais debatidos, bem como a titulação para regularizar as terras, Reserva Legal e as alterações no Código Florestal.

O ISA utilizou a metodologia de mapeamento participativo, em que os participantes identificaram no mapa os usos atuais do território e planejaram o uso futuro, para os próximos 10 anos.

Rede Rio Negro discute Gestão e Ordenamento Territorial

Em outubro, a Rede Rio Negro, composta pelo ISA, Fundação Vitória Amazônica, Instituto de Pesquisas Ecológicas, WWF e Secoya, realizou em Manaus o seminário Prioridades para a Gestão e Ordenamento Territorial do Médio e Baixo Rio Negro, girando em torno de questões fundiárias, de atualização de propostas de criação de Unidades de Conservação, do Mosaico de Áreas Protegidas do Baixo Rio Negro e redefinição de limites de algumas áreas.

O evento é parte de um ciclo de discussões sobre o tema, iniciado em 2008, incluindo seminários e oficinas. Esta nova rodada de debates contou com a participação de instituições do poder público municipal, estadual e federal, além de organizações da sociedade civil, movimentos sociais e pesquisadores e teve o apoio do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), Fundação Moore, Fundação Rainforest da Noruega, e Horizont3000.

Para as discussões foram selecionados temas prioritários que contaram com a participação de 36 instituições governamentais e não governamentais, e de

lideranças e representantes de associações das comunidades do Baixo e Médio Rio Negro.

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3446

A Rede elaborou um texto conceitual com um resumo dos processos e temas que seriam discutidos e adotou como metodologia de apoio às mesas de debate, um grande mapa da região para que as pessoas se localizassem e plotassem as iniciativas desenvolvidas, conflitos existentes, ou ainda locais que mereciam atenção por ameaças ou pela morosidade dos processos de ordenamento e gestão territorial em curso. Os temas em debate foram:

- ✓ Atualização de propostas de criação de UCs e regularização fundiária
- ✓ Mosaico de Áreas Protegidas do Baixo Rio Negro
- ✓ Questões fundiárias e redefinição de limites entre Parna Jaú e Resex Unini
- ✓ Atualização dos Processos de Identificação e Demarcação de TIs
- ✓ Recategorização do Parque Estadual Rio Negro Setor Sul (Parest RNSS)
- ✓ Parque Estadual Serra do Aracá e Flona Amazonas: sobreposições na TI Yanomami
- ✓ Situação do Processo de Criação da Resex Baixo Rio Branco – Jauaperi
- ✓ Ordenamento Pesqueiro no Rio Negro.



Matas ciliares destruídas às margens do Rio Ribeira

SAIBA MAIS EM:

www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3424

Campanha Cílios do Ribeira promove II Expedição pelo Rio Ribeira de Iguape

Foi a segunda edição da expedição, dando continuidade às ações da Campanha Cílios do Ribeira, pela recuperação das matas ciliares do Vale do Ribeira. O objetivo da II Expedição de Educação Ambiental e Levantamento de Campo no Rio Ribeira de Iguape, realizada em outubro pelo ISA, foi mobilizar os atores locais em cinco municípios da região (Iporanga, Eldorado, Sete Barras, Registro e Iguape) sobre o Rio Ribeira e a importância das matas ciliares para sua preservação.

A primeira edição da expedição, realizada em 2007, percorreu o Ribeira desde suas nascentes, em Cerro Azul (PR), até Iporanga (SP). Na segunda edição, o percurso pelo rio foi de Iporanga à Iguape, onde está a foz do rio. A expedição coletou informações e imagens sobre o uso e ocupação do solo das margens do rio, incluindo análises de fisionomia florestal e água.

Ao longo do percurso, seus integrantes visitaram plantios realizados pela campanha, conversaram com agricultores sobre restauração florestal e novos plantios. Exibiram vídeos e contaram histórias sobre o rio e sua relação com a cultura da região para as crianças,

promoveram apresentações culturais, além de mostrar iniciativas em andamento nos municípios, incluindo a participação de escolas locais dedicadas à restauração e conservação dos recursos hídricos. Os dados levantados contribuirão para planejar as ações para a conservação e restauração das matas ciliares do Vale do Ribeira. A expedição se encerrou na Barra do Ribeira, com show do Grupo Batucajé, tradicional da região.



Expedição percorre o rio e faz levantamento de campo



Barraquinhas com espécies de mudas e sementes lotaram a praça de Eldorado

Troca de conhecimentos foi o destaque de seminário sobre roças e da feira de sementes

Debates e intercâmbio de experiências foram os destaques das duas atividades, que aconteceram no município de Eldorado, no Vale do Ribeira (SP), organizadas pelo ISA em parceria com as Associações dos Quilombos, a Eaacone (Equipe de Articulação e Assessoria das Comunidades Negras do Vale do Ribeira), o Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp) e a Fundação Florestal. Os eventos fazem parte de um projeto apoiado pela Secretaria de Promoção de Políticas de Igualdade Racial (Seppir), vinculada à Presidência da República e prefeituras de Registro e Eldorado.

O seminário, que precedeu a feira, teve cerca de 100 participantes entre lideranças e moradores das comunidades quilombolas de Cangume, Porto Velho, São Pedro, Galvão, Ivaporunduva, Nhunguara, André Lopes, Sapatu, Pedro Cubas, Pedro Cubas de Cima, Abobral, Peropava, Reginaldo, Pedra Preta e Aldeia de Iguape.

Intitulado “Roças, a origem e o futuro dos alimentos”, o evento foi uma oportunidade para discussão sobre o passado, presente e futuro das roças e da agricultura nas comunidades tradicionais, suas tendências e implicações

loais e globais, com foco nas questões que envolvem a alimentação, a cultura, o uso sustentável dos territórios tradicionais e a conservação da biodiversidade.

Já a feira, em sua quarta edição, contou com barraquinhas, muitas espécies de mudas e sementes, muitas trocas e encerrou-se com um almoço comunitário e apresentações culturais.



Em debate, o futuro das roças e da agricultura

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3419

Ingarikó discutem gestão do Parque Monte Roraima

Organizados para manter a sua autonomia na TI Raposa-Serra-do-Sol (RR), os Ingarikó, se reuniram em assembleia, em setembro, para debater cidadania indígena e políticas públicas, como a implementação do Parque Nacional Monte Roraima, criado em 1989, totalmente incidente sobre a Terra Indígena. O decreto de homologação da TI Raposa-Serra do Sol, em 2005, reconheceu pela primeira vez a figura da dupla afetação e estabeleceu que a gestão da área seria feita de maneira compartilhada entre o Ibama, a Funai e os Ingarikó, os principais articuladores de um plano de gestão para a área de sobreposição do Parque Nacional. Entretanto, com a criação do ICMBio em 2007 e o questionamento sobre a demarcação da Raposa-Serra do Sol, o Plano Pata Eseru, uma proposta abrangente de como deve ser a gestão do Parna, ficou em suspenso.

A assembleia também abordou a questão de acesso à energia elétrica, já que das nove comunidades apenas algumas têm motor à diesel, com abastecimento irregular. Porém, as organizações indígenas repudiam a construção de uma hidrelétrica no Rio Cottingo, pretendida por políticos de Roraima, e querem discutir formas alternativas de geração de eletricidade.

Sobre isso, a advogada do ISA, Ana Paula Caldeira, que participou da assembleia, relatou que a instituição iniciou, em conjunto com o CIR, um levantamento da viabilidade da energia eólica, solar e híbrida (combinadas) e que o Conselho do Povo Ingarikó pode se integrar ao projeto. Estas iniciativas podem abrir novas oportunidades para que os Ingarikó possam reverter em poucos anos a sua atual situação de isolamento.

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3422



Cidadania indígena e políticas públicas em debate na assembleia

Quilombos do Ribeira participam do Revelando SP

Nove comunidades quilombolas do Estado de São Paulo participaram, em setembro, do festival de cultura tradicional paulista, o Revelando São Paulo. A participação das comunidades do litoral Norte e do Vale do Ribeira no Espaço Quilombola – área permanente dentro do festival – teve o apoio do ISA e do Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp). Os quilombolas expuseram peças de sua cultura material, venderam artesanato e alimentos típicos e a comunidade Reginaldo, de Barra do Turvo, fez apresentações culturais como a Folia do

Divino e o Quarteto de Viola Caipira. A presença das comunidades no Revelando São Paulo é parte

de um conjunto de ações que o ISA desenvolve para dar visibilidade ao patrimônio cultural dos quilombos do Vale do Ribeira.



Quilombolas fazem apresentações culturais durante festival

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3405



Korotowi Ikpeng faz apresentação sobre o histórico do Xingu

Formação no Xingu capacita lideranças para diálogo intercultural

Em novembro, o ISA deu início ao curso de formação “Território e Serviços Socioambientais no Xingu”, na Coordenação Técnica Local (CTL) Diauarum, no Parque do Xingu (MT). Com duração de três anos, o objetivo do curso é contribuir para que os indígenas que estão envolvidos em processos sociais, políticos, culturais e ambientais de suas comunidades possam aliar os conhecimentos tradicionais sobre seu território com os conceitos e temas relacionados às questões de sustentabilidade da Terra Indígena e suas relações com a sociedade envolvente.

O primeiro módulo teve a participação de 25 jovens do Alto, Médio, Baixo e Leste Xingu, envolvidos direta ou indiretamente com o trabalho em suas associações. Eram agentes de saúde, “agentes” da política indígena, funcionários da Funai ou da Associação Terra Indígena do Xingu (Atix), caciques e tradutores. O tema desse módulo foi a revisão histórica da formação do Xingu. O antes e o depois da criação do Parque, por meio da história das línguas xinguanas, foram abordados pela linguista do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Bruna Franchetto. A linha do tempo dos acontecimentos po-

líticos foi trabalhada pelo coordenador do Programa Xingu e secretário executivo do ISA, André Villas-

Bôas; e as percepções sobre a circulação de pessoas e a organização sociopolítica desses povos, antes mesmo de o território ser unificado com as 16 etnias que ali vivem, foram tema de calorosos debates conduzidos pela antropóloga Marcela Coelho, da UnB.

O curso está dividido em seis módulos e cinco entre-módulos. Cada etapa do processo de formação terá de 20 a 30 dias de aulas, debates e atividades. Entre um módulo e outro, os participantes serão orientados para desenvolver atividades em suas comunidades e terão acompanhamento da equipe técnica do Programa Xingu. Entre os temas que serão trabalhados ao longo de três anos estão: história, território e identidade; manejo e uso tradicional dos recursos naturais; contexto regional e seus impactos socioambientais no território xinguanos; mudanças climáticas, serviços ambientais; patrimônio material e imaterial dos povos indígenas e estratégias de salvaguarda; direitos indígenas e políticas socioambientais; e desafios da sustentabilidade na Terra Indígena.

O próximo módulo da formação realizada pelo ISA em parceria com a Atix (Associação Terra Indígena Xingu) e apoio do Fundo Vale, está previsto para maio de 2012, no CTL Diauarum. Até lá, os participantes estarão desenvolvendo atividades em suas comunidades para trabalhar depois no módulo presencial.

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3475

Ye'kuana realizam intercâmbio com povos do Alto Rio Negro

Três Ye'kuana da região de Auaris, em Roraima, na fronteira do Brasil com a Venezuela, passaram por Manaus e São Gabriel da Cachoeira para chegar ao Alto Rio Tiquié, na Terra Indígena Alto Rio Negro, noroeste amazônico. David Albertino, liderança da comunidade Fuduwaaduinha, Castro Costa, presidente da Associação do Povo Ye'kuana do Brasil (Apyb) e Felipe Albertino, professor da comunidade Waichainha puderam conhecer experiências inovadoras em educação escolar indígena diferenciada e participaram da formatura do ensino médio da Escola Tuyuka e da Escola Tukano Yupuri. As duas escolas são assessoradas pelo ISA. Com mais de uma década de existência, a Escola Utapinopona Tuyuka é conhecida como importante referência da educação escolar indígena diferenciada.

O intercâmbio vem de encontro às atuais reflexões dos Ye'kuana sobre a necessidade de desenvolver o ensino médio em sua própria terra, já que ao longo dos últimos anos houve grande fluxo de jovens para a capital Boa Vista para cursar o ensino médio, o que vem causando esvaziamento nas aldeias e prejudicando a transmissão dos conhecimentos tradicionais. A Apyb, associação que os Ye'kuana integram, passa por uma fase de consolidação e reformulação de projetos políticos e pedagógicos e o intercâmbio trouxe novos conhecimentos especialmente em relação à experiência dos tuyuka e tukano no ensino médio. Foram acompanhados pelo assessor do Programa Rio Negro do ISA, Vicente Coelho.

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3469

Novo encontro em São Gabriel da Cachoeira debate web e redes sociais

Com apoio da Cooperação Austríaca, a Foirn (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) e o ISA realizaram em outubro o segundo encontro sobre ferramentas web e redes sociais. Ministrado pelo especialista João Ramirez, o objetivo é a melhoria na comunicação entre as lideranças e as iniciativas associadas à atuação da Foirn, valorizando e divulgando os modos de viver do povo rio negro, e seus conhecimentos e práticas. Dele participaram cerca de 20 pessoas incluindo funcionários da Foirn, lideranças, realizadores dos Pontos de Cultura (Foirn) e parte da equipe do ISA em São Gabriel da Cachoeira, noroeste amazônico. Na avaliação de Ramirez, desde a realização do primeiro encontro houve progressos com o movimento indígena do Rio Negro utilizando as redes sociais da internet, que tem funcionado como um agregador de agendas com grande potencial para a formulação

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3448

de campanhas, caso do twitter, do blog que foi reativado e de duas páginas no Facebook.

Os participantes vieram de Cucuí, Santa Isabel, Taracuí, Escola Pamáli (no Rio Içana), Escola Tuyuka (no Rio Tiquié) e funcionários dos departamentos de comunicação, educação e secretaria da Foirn. Durante três dias, o grupo refletiu sobre como a organização indígena e as associações podem usar as redes sociais para campanhas e empreendedorismo, e discutiu uma política de uso das redes sociais dentro da Foirn.

© CARLA DIAS/ISA



Ramirez avalia os progressos do grupo no manejo da web

Gisele Bündchen e Grendene renovam apoio ao ISA

Plantio de árvores no Xingu e no Vale do Ribeira e apoio à Rede de Sementes do Xingu estão entre as atividades previstas do projeto de combate às mudanças climáticas por meio do manejo sustentável do mundo, apoiado por Gisele Bündchen e Grendene. A parceria com o ISA, agora renovada, vem desde 2006, quando Gisele e a Grendene, decidiram apoiar a Campanha Y Ikatu Xingu, pela recuperação das nascentes e matas ciliares do Rio Xingu em Mato Grosso. Naquele ano, Gisele esteve na aldeia dos índios Kisêdjê e lá transformou-se em repórter, gravando um vídeo sobre a importância do rio na vida das populações indígenas e sobre a necessidade de recuperar nascentes e matas ciliares. Depois da Y Ikatu Xingu, veio a Campanha De Olho nos Mananciais de São Paulo e desde o ano passado a questão das mudanças climáticas é um ponto de atenção e preocupação para Gisele.

Este ano, o foco está no manejo sustentável do mundo como palavra de ordem para o combate às mudanças climáticas. As ações envolvem plantio de árvores na região das cabeceiras do Rio Xingu, apoio à Rede de Sementes do Xingu, apoio ao fortalecimento de lideranças de três reservas extrativistas na Terra do Meio (PA) e plantio de árvores em municípios do Vale do Ribeira (SP).

Quando esteve no Brasil em junho, Gisele gravou um depoimento, onde relata suas preocupações com as questões socioambientais. Ela e a Grendene acreditam, como o ISA, que as soluções estão no manejo sustentável do mundo, ensinado pelas populações tradicionais do Brasil a partir de sua lida com os recursos que a natureza oferece.

No Xingu (Mato Grosso e Pará) o apoio envolve: **1.** plantio em cerca de 220 hectares ou 374 mil árvores; **2.** apoio à comercialização de 25 toneladas de sementes nativas com geração de renda de cerca de R\$ 250 mil para 300 coletores e famílias da Rede de Sementes do Xingu; **3.** apoio à formação de 40 lideranças locais em três Reservas Extrativistas da Terra do Meio (PA) - Riozinho do Anfrísio, Iriri e Xingu, para fortalecer seu papel como agentes da preservação das florestas e prestadores de serviços ambientais para a redução das emissões de gases de estufa.

No Vale do Ribeira (SP) o apoio envolve o plantio de mudas em 22,2 hectares ou cerca de 37.700 árvores nos municípios de Barra do Turvo, Itaóca, Apiaí e Sete Barras. No total, serão quase 412 mil árvores plantadas no prazo de um ano. As ações que não envolvem o

plantio de árvores contam também com apoio de outros parceiros para que sejam plenamente realizadas.

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3426

Visitas ao site*



Janeiro a novembro
2.169.566

(*) Aqui incluídos os sites do portal do ISA (Povos Indígenas no Brasil; Pibinho; Cílios do Ribeira; Mananciais; Y Ikatu Xingu e Unidades de Conservação)



© VITOR SHALOM



Protesto no Senado com faixas e cartazes contra as mudanças

Reforma do Código Florestal aprovada pelo Senado é melhor que a da Câmara, mas ainda um retrocesso

No dia 6/12, o plenário do Senado aprovou o substitutivo de Jorge Viana (PT-AC) e Luiz Henrique da Silveira (PMDB-SC) para a reforma do Código Florestal. O texto segue para a Câmara e depois para a sanção presidencial.

O projeto aprovado é melhor do que o votado na Câmara, em maio, mas ainda assim um retrocesso. Na prática, mantém anistias a quem desmatou ilegalmente e a redução generalizada de áreas protegidas em propriedades rurais. Os relatores mantiveram a data de julho de 2008 para a legalização de desmatamentos ilegais.

Para fins de recuperação, o texto define em 15 metros os limites de APPs (Áreas de Preservação Permanente)

de beira de rios com até dez metros de largura. Para rios maiores, estabelece APPs com pelo menos a metade da largura do curso de água, com no mínimo 30 metros e no máximo 100 metros. Hoje, a legislação prevê APPs de no mínimo 30 metros e no máximo 500 metros.

Segundo o substitutivo aprovado, pequenos produtores (com até quatro módulos fiscais ou 440 hectares até julho de 2008, dependendo do município), não precisarão recompor suas RLs (Reservas Legais) e as áreas de APPs a serem recompostas nas beiras de rio não poderão exceder o total da RL da propriedade. Para os médios produtores (com até 15 módulos fiscais), os Conselhos Estaduais de Meio Ambiente poderão definir a área mínima de APP a ser recuperada, observados os parâmetros mínimos da lei nacional.

Também foi mantida a possibilidade de que atividades agropecuárias sejam desenvolvidas em topos de morro e em encostas que tenham entre 25° e 45° de inclinação, áreas consideradas sensíveis a desmoronamentos.

Na semana anterior à votação, quase duas mil pessoas realizaram manifestação contra o Código na Praça dos Três Poderes, em Brasília. A manifestação foi organizada pelo Comitê em Defesa das Florestas e do Desenvolvimento Sustentável, do qual o ISA é um dos integrantes.



Senadores analisam a proposta a ser votada



© HUTUKARA ASSOCIAÇÃO YANOMAMI

© BERTO RICARDO/ISA



O líder yanomami Davi Kopenawa entrega denúncias ao procurador Rodrigo Timóteo. À direita, balsas de garimpeiros no Rio Mucajá (RR)

Garimpo ilegal continua na TI Yanomami em Roraima

O ISA em Roraima vem acompanhando de perto a invasão garimpeira na TI Yanomami que aumentou consideravelmente nos últimos dois anos. Neste ano de 2011, a equipe, em conjunto com a Hutukara Associação Yanomami (HAY) e o Ministério Público Federal em Roraima, registrou todas as denúncias de garimpo ilegal que pipocavam e deu apoio aos parceiros, divulgando junto às autoridades e à imprensa. Foi assim que o Fantástico, programa dominical da Rede Globo,

enviou uma equipe á Roraima que mostrou ao Brasil o que acontece na TI Yanomami. Além de ilegal, o garimpo é uma ameaça à saúde indígena já que é vetor de transmissão de malária entre outras doenças. Apesar das denúncias exibidas em rede nacional e de uma ação desencadeada pela Polícia Federal, Exército e Funai para retirada dos garimpeiros, as bases que sustentam o garimpo ilegal continuam em funcionamento e tais ações se revelam pouco eficazes.

Regulamentação da consulta prévia é debatida na UnB

Em outubro, o ISA promoveu em conjunto com o Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), a Rede de Cooperação Alternativa (RCA), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), o Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (Ceppac, UnB) e o Ministério Público Federal (MPF) um seminário para debater a consulta prévia, prevista na

Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, ratificada

pelo Brasil em 2003. A consulta prévia dá aos povos indígenas o direito de manifestar sua vontade em temas que os afetem, recuperando o controle sobre seu destino, sendo a consulta pública a forma principal de garantir esse direito.

Os resultados do seminário, que contou com a presença de organizações indígenas e indigenistas e acadêmicos, entre outros, foram entregues ao Governo Federal. Os organizadores esperam que este seja o início de um processo de diálogo entre a sociedade civil e o Estado sobre o tema.

SAIBA MAIS EM:

www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3428

Prosseguem a construção de Belo Monte e os protestos contra a obra

O ISA e outras organizações da sociedade civil continuaram acompanhando de perto durante todo o segundo semestre deste ano a polêmica da construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, cuja licença definitiva para o início das obras foi dada pelo Ibama em 1º de junho. Protestos se multiplicaram em várias cidades do País e vídeos a favor e contra Belo Monte pipocaram na internet. Em novembro, um deles especialmente, o Movimento Gota d'Água, que contou com a participação de vários atores e atrizes de novelas de televisão, teve uma repercussão estrondosa com mais de um milhão e duzentos mil apoiadores.

Ações judiciais também prosseguiram. O Ministério Público Federal no Pará impetrou em agosto mais uma Ação Civil Pública contra Belo Monte, a décima terceira, argumentando que a seca de parte do Rio Xingu inevitavelmente causará o deslocamento das populações indígenas locais, o que é vetado pela Constituição. Para o MPF, Belo Monte representa a violação não só dos direitos dos índios, ribeirinhos e agricultores que hoje vivem no Xingu, mas viola o direito da natureza e o direito das gerações futuras ao desenvolvimento sustentável.

Também a prefeitura de Altamira pediu à Presidência da República a suspensão da licença de instalação do canteiro de obras por conta do não cumprimento das medidas mitigatórias emergenciais, cujos prazos expiraram dia 30 de julho.

Em outubro, a desembargadora Selene de Almeida, relatora de uma das treze ações do MPF-PA (Ministério Público Federal no Pará) contra a hidrelétrica de Belo Monte, votou favoravelmente à anulação da licença ambiental da obra, durante julgamento iniciado no TRF (Tribunal Regional Federal) da 1ª Região, em Brasília.

Ela considerou inválido o Decreto Legislativo nº 788/2005, que autorizou o empreendimento e argumentou que o texto não retornou à Câmara depois de ser modificado pelo Senado e não observou a necessidade de consulta prévia às comunidades indígenas afetadas. Um pedido de vistas do desembargador Fagundes de Deus parou o julgamento.

Retornado dias depois, o desembargador votou pela validade do decreto e empatou o julgamento. O desempate veio em novembro com o voto da desembargadora Maria do Carmo Cardoso pela validade do decreto. Resultado final: dois votos a favor da construção da usina e um voto contra. Enquanto isso, as obras prosseguem, embora tenham sido paralisadas por alguns dias no mês de novembro por conta de uma greve dos trabalhadores que exigiam o cumprimento da legislação trabalhista.

Curtas

▶ **CYBERAÇÃO EM DEFESA DOS**

GUARANI. *Depois da ocorrência de um ataque em novembro a um acampamento indígena entre as cidades de Amambai e Ponta Porã (MS), que feriu o cacique Nísio Gomes, cujo corpo está desaparecido, e diante da recorrência de atos de violência como esse contra os Guarani-Kaiowá, o ISA lançou em uma cyberação. O abaixo-assinado pedia ao governo a rigorosa apuração das violências contra os Guarani. O documento contendo 2.184 assinaturas foi protocolado no Ministério da Justiça no início de dezembro.*

▶ **CARTA EXPRESSA PREOCUPAÇÃO COM SOBREVIVÊNCIA DOS AWÁ.**

A carta enviada à Presidente Dilma Rousseff em agosto por pesquisadores vinculados a instituições científicas e de pesquisa nacionais e internacionais e organizações da sociedade civil – o ISA entre elas – relata que cerca de 100 Awá permanecem isolados hoje, são altamente vulneráveis, vivem em pequenos grupos móveis, e estão sempre em fuga à medida em que suas florestas são invadidas por madeireiros. E estão permanentemente ameaçados por doenças e possíveis confrontos violentos. Os signatários pedem providências urgentes para impedir que esse povo indígena seja extinto.

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3388

Diagnóstico da saúde na Terra Indígena do Vale do Javari é entregue à Sesai

Em outubro, o Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e o ISA entregaram a Antônio Alves, titular da Secretaria Especial de Saúde Indígena, vinculada ao Ministério da Saúde, um documento que radiografa a situação da saúde dos indígenas do Vale do Javari (AM). Chamado *Saúde na Terra Indígena Vale do Javari, diagnóstico médico-antropológico: subsídios e recomendações para uma política de assistência*, o estudo baseou-se em entrevistas feitas entre abril e setembro de 2011, em Atalaia do Norte, Tabatinga e Manaus e em depoimentos de lideranças indígenas, de profissionais de saúde e organizações indígenas e traz recomendações para resolver de forma permanente a questão. Os dados de saúde são do Distrito Sanitário Especial Indígena Vale do Javari.

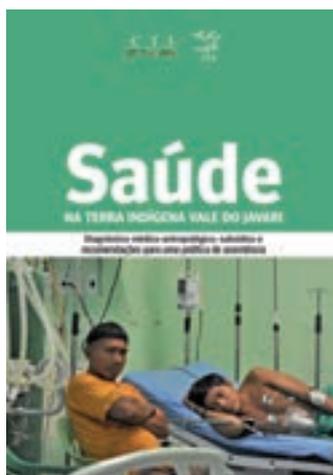
Alves recebeu o documento de uma comitiva formada por Marcio Santilli, do ISA, Gilberto Azanha e Conrado Rodrigo, antropólogos do CTI, Erivelto Marubo, vice-presidente do Condisi (Conselho Distrital de Saúde Indígena), instância de controle social do DSEI Vale do Javari e Jader Marubo, coordenador geral da Univaja - União dos Povos Indígenas do Vale do Javari. Além de levantar dados sobre as condições atuais de saúde,

os pesquisadores tentaram entender junto a essas

populações qual tipo de assistência consideram mais adequado às suas necessidades. A ideia é que a partir desse diagnóstico, a Sesai possa oferecer um sistema de saúde de qualidade aos povos que habitam a TI Vale do Javari, a saber: Marubo, Matis, Korubo, Kulina, Kanamari, Tsohom Dyapá e Mayoruna-Matsés.

Vale lembrar que esses povos têm sofrido historicamente com epidemias variadas de doenças infectocontagiosas com altos índices de mortalidade. A hepatite é a principal delas, seguida pela malária e doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, há

DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD EM
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3441



registros de isolados na área, em situação de fragilidade e vulnerabilidade, que acabam expostos às doenças. O diagnóstico é complementado por um relatório antropológico realizado por pesquisadores que trabalham na região. Das informações reunidas resultaram recomendações que foram revisadas por representantes do movimento indígena do Vale do Javari e incorporadas ao documento.

Como viver bem no Içana e no mundo

Em parceria com o ISA e a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), a rede de escolas Baniwa e Coripaco realizou uma experiência de pesquisa intercultural sobre uso e conservação de recursos e ambientes, importantes para viver e estar bem tanto na Bacia do Içana, onde estão as escolas, como no mundo. Essa pesquisa foi transformada na primeira publicação da série denominada *Kaawhiperi Yoodzawaaka. O que a gente precisa para viver e estar bem no mundo* apresenta 13 monografias – cada uma em ficha separada – resultante das pesquisas conduzidas pela Escola Indígena Baniwa e Coripaco Pamáali, que coordena a rede de escolas Baniwa e Coripaco.



Cartô Brasil Socioambiental lança mais dois volumes

O *Diagnóstico Socioambiental de Roraima* é o terceiro volume da série iniciada em 2009 e a primeira publicação do ISA dedicada exclusivamente à Roraima. Trata-se de uma contribuição para o debate sobre o futuro desse estado amazônico, a partir de uma perspectiva socioambiental. Seu ponto de partida é a diversidade socioambiental do território roraimense, uma unidade fronteiriça da federação no contexto da Pan-Amazônia, da Amazônia brasileira e da Bacia do Rio Branco, como parte da Bacia Hidrográfica do Rio Negro. O diagnóstico vem se somar a outros estudos e iniciativas regionais orientadas para o conhecimento, valorização e fortalecimento da diversidade socioambiental de Roraima. Com esta publicação o ISA deseja inspirar reflexões e visões para se construir uma agenda compartilhada entre vários setores da sociedade roraimense interessados no desenvolvimento com responsabilidade socioambiental, no bem-estar da sua população, no respeito à diversidade cultural e das paisagens e na consolidação do Estado Democrático de Direito. Está à venda na loja do site do ISA por R\$ 30,00.

Já o *Manejo sustentável de peixes da Bacia do Rio Tiquié*, quarto volume da série, mostra a abrangência das áreas de manejo São Francisco, Maracajá, Santo Antônio e São João, além dos lugares de uso dos ancestrais dos po-

vos indígenas Tukano orientais, na Bacia do Rio Tiquié, no Alto Rio Negro. O texto, em tukano, desana e português, acompanha o mapa escrito pelo tukano Orlando Massa Moura e pelo desana Ismael Pimentel dos Santos. “Temos que parar de poluir nosso rio e tudo o que lhe faz mal – pilhas, timbó, falta de purificação após o banho do recém-nascido, impedimento da saída de animais de caça, estragos para a Grande-Peixe”, escrevem os autores. O mapa traz ainda uma tabela com legendas identificando os desenhos utilizados com os nomes em tukano, desana e em português. O Rio Tiquié, situado na Terra Indígena Alto Rio Negro, é o principal afluente do Rio Uaupés, que por sua vez é o principal formador do Rio Negro. Suas nascentes estão em território colombiano, mas a maior parte de seu curso está do lado do Brasil. O

manejo é um tema sensível nessa região na qual o peixe não é só item básico na dieta dessas populações – e de outras na Bacia Amazônica – mas também uma referência sociocultural central para os povos Tukano orientais.



SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=2971

DISPONÍVEL EM
<http://www.socioambiental.org/loja>

Pesquisa subsidiará ações para evitar migração indígena para a cidade

O Programa Xingu em parceria com a Funai, por meio da Coordenação Regional Xingu, realizou um levantamento socioeconômico sobre os indígenas que residem em Canarana (MT). A pesquisa foi motivada pelo número crescente de índios que estão morando na cidade. Perguntas sobre o motivo da residência, fontes de renda, tempo de moradia na cidade e o acesso a recursos alimentares do Parque Indígena do Xingu fizeram parte

do questionário aplicado pelos pesquisadores, que visitaram 50 casas. Além de Canarana, existem indígenas residindo nos municípios mato-grossenses de Gaúcha do Norte, Querência, São José do Xingu, Marcelândia e Feliz Natal. A pesquisa vai subsidiar ações da Coordenação Regional da Funai tanto para atender os índios que hoje residem na cidade, como para desenvolver ações que evitem novas migrações do Parque.

Rede produz reportagens sobre o Arpa

O site *De Olho no Fundo Amazônia* é uma rede social apoiada pelo ISA cujo objetivo é monitorar de forma colaborativa a implementação do Fundo Amazônia e dos projetos financiados por ele. Entre agosto e setembro, a rede produziu uma série de reportagens sobre o Arpa, Programa Áreas Protegidas da Amazônia, mostrando como as Unidades de Conservação (UCs) financiadas pela iniciativa – cujos recursos vindos da Noruega e da Alemanha são geridos pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) – deram os primeiros passos no aperfeiçoamento da gestão, mas ainda enfrentam problemas graves em questões como infraestrutura e pessoal. Os dados são de um relatório do próprio Arpa. O programa recebe financiamento do Fundo Amazônia desde o final de 2010.

A primeira reportagem detalha os números de dimensões amazônicas alcançados pelo Arpa e sua importância na luta contra o desmatamento. A segunda reportagem destaca o aumento de recursos e as ino-

vações na gestão possibilitados pela iniciativa. E também os riscos colocados pela

incapacidade da administração pública em planejar e executar estratégias de longo prazo. A terceira reportagem mostra como UCs financiadas pela iniciativa deram os primeiros passos no aperfeiçoamento da gestão, mas ainda enfrentam problemas graves em questões como infraestrutura e pessoal. A quarta reportagem trata das perspectivas para os próximos anos – se de um lado os recursos estão voltando depois de um período de vacas magras, de outro o governo continua sem plano de longo prazo para financiar as UCs depois que a iniciativa chegar ao fim. A última reportagem da série é uma entrevista com Fábio Leite, da Unidade de Gestão de Programas do Funbio (Fundo Brasileiro para a Biodiversidade), organização não governamental que gerencia o programa.



SAIBA MAIS EM
<http://deolhonofundoamazonia.ning.com/>

No ar, *De Olho nas Terras Indígenas*

O painel de indicadores socioambientais *De Olho nas Terras Indígenas* entrou no ar em dezembro, depois da apresentação de sua primeira versão, em maio deste ano, para um grupo de colaboradores formado por antropólogos, geógrafos e biólogos, e para as equipes dos programas Rio Negro e Xingu.

Elaborado a partir do Sistema de Informação de Áreas Protegidas (SisArp), do ISA, seu objetivo é a consolidação de indicadores socioambientais sobre as Terras Indígenas no Brasil como ferramenta para o diagnóstico de problemas sociais e ambientais que ocorrem no interior das TIs. As informações foram organizadas pelo Programa Monitoramento do ISA e algumas já figuravam no site Caracterização Socioambiental de TIs, que agora será substituído por uma versão mais completa no *De Olho nas Terras Indígenas*.

O conteúdo está organizado em torno de seis temas principais – Povos, Línguas e Demografia; Direitos

Territoriais; Gestão; Ambiente; Sobreposição; e Pressões e Ameaças – e submetidos a três recortes espaciais

distintos: Terra Indígena, Região e Brasil.

O objetivo agora é contar com a colaboração de parceiros indígenas e não indígenas para enriquecer este sistema de informações socioambientais, incorporando novos temas como saúde e educação. A ideia é realizar pilotos em Terras Indígenas para impulsionar uma metodologia de monitoramento local e tornar-se uma ferramenta a ser apropriada pelas comunidades indígenas, pelas organizações e pelos parceiros locais e regionais, ajudando a fortalecer mecanismos de pressão para a consolidação de políticas públicas e direitos indígenas.



ACESSE
<http://ti.socioambiental.org>

Radar Rio+20 para jornalistas

Radar Rio+20 é um projeto de capacitação de jornalistas que o ISA está desenvolvendo com o apoio da Fundação Ford e em parceria com o Centro de Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas e do Instituto Vitae Civilis. O projeto se encerrará em junho de 2012, com a realização da Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio + 20, no Rio de Janeiro. Como parte do projeto foram realizados dois seminários – em São Paulo e em Brasília – com a presença de pesquisadores e representantes de organizações da sociedade civil que falaram aos jornalistas sobre os principais temas que estarão em debate na conferência.

Em São Paulo, o seminário reuniu cerca de 50 jornalistas em duas manhãs, no auditório da FGV e contou com palestrantes como, Ricardo Abramovay, da Universidade de São Paulo, os coordenadores do Vitae Civilis, Aron Belinky e Rubens Born, e José Correa, do Grupo de Reflexão e Apoio ao Fórum Social Mundial (Grap). Em Brasília, o seminário foi realizado na Câmara dos Deputados em parceria com a Subcomissão Rio+20 e

contou com a presença de Aron Belinky, Ricardo Abramovay, Tony Gross, da Universidade da ONU e de Pedro Ivo Baptista, do Comitê Facilitador da Rio+20, além da participação do presidente da subcomissão, deputado Alfredo Sirkis e outros integrantes, que falaram a cerca de 30 jornalistas do DF.

Paralelamente foi produzido um livreto abordando os temas em debate na Rio+20, um histórico das conferências da ONU e uma cronologia do Desenvolvimento Sustentável, contendo ainda uma vasta bibliografia entre livros, publicações em geral e sites. Os livretos começam a ser distribuídos aos jornalistas interessados em dezembro de 2011. Um hotsite (www.radarrio20.org.br)

entrou no ar, voltado ao público em geral, complementando o conteúdo do livreto, incluindo notícias sobre a Rio+20 e o que se vem falando no twitter sobre a reunião. Em 2012, um novo seminário está previsto para debater as principais propostas dos países e das organizações da sociedade civil, além de uma campanha de divulgação do evento em emissoras de rádio.



Manejo do Mundo é vencedor do Prêmio Jabuti 2011

O livro *Manejo do Mundo - Conhecimentos e Práticas dos Povos Indígenas do Rio Negro* venceu o Jabuti na categoria Ciências Humanas da 53ª edição do prêmio, considerado um dos mais importantes da literatura no Brasil. Foi entregue no dia 30 de novembro em cerimônia realizada na Sala São Paulo, em São Paulo. Editado pelo ISA e pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), e publicado em 2010, o livro é o primeiro volume da coleção *Conhecimentos Indígenas, Pesquisa Intercultural*, que tem o apoio do Instituto Arapyaú. Reúne vinte e dois textos sobre conhecimentos indígenas e pesquisas interculturais a respeito do tema, no Alto Rio Negro, que relatam vivências cotidianas

e rituais das comunidades ao longo do ciclo anual: seja no manejo apropriado dos peixes, dos animais da terra, aves, insetos, das atividades da agricultura, pesca, caça e coleta, e das doenças de cada tempo.

O antropólogo do Programa Rio Negro, Aloísio Cabalzar, organizador da publicação, explica que é uma produção coletiva e sintetiza diversas pesquisas interculturais realizadas no Alto Rio Negro, noroeste amazônico. Não é a primeira vez que o ISA ganha o prêmio. Foi assim na edição de 2004, com o livro *Biodiversidade na Amazônia Brasileira* e em 2005, com *Terras Indígenas e Unidades de Conservação o desafio das sobreposições*. O livro está à venda na loja virtual do ISA, por R\$ 35,00.



DISPONÍVEL EM
<http://www.socioambiental.org/loja>

Sistema de indicadores socioambientais dá apoio à gestão de UCs

Em setembro, o ISA reuniu em sua subsele, em Brasília, representantes da Conservação Internacional-Brasil, Centro de Referência de Informação Ambiental (Cria), Conservation Strategy Fund (CSF), Fundação Vitória Amazônica, Instituto de Educação do Brasil, Instituto de Desenvolvimento da Amazônia (Idesam), Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena (Iepé), União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), The Nature Conservancy (TNC) e Wildlife Conservation Society (WCS) para debater o fortalecimento do controle social sobre áreas protegidas.

O conjunto de instituições tem papel importante na conservação de mais de 100 Unidades de Conservação (UCs) estaduais e federais que abrangem um território de Proteção Integral e de Uso Susten-

tável. Entre outros temas, o encontro apresentou às instituições o resultado do processo de construção do sistema de indicadores socioambientais de UCs, desenvolvido pelo ISA com a colaboração de mais de 80 instituições (governamentais e não governamentais) amazônicas e do DF, atuantes nas UCs dos nove estados da Amazônia Legal.

O sistema, lançado em novembro, é inovador, pois contém informação sobre os rumos da sustentabilidade socioambiental das UCs da região. Mais do que um método de avaliação ou de monitoramento, é um sistema estratégico de apoio à gestão, baseado no fortalecimento do manejo participativo. O material reúne um aplicativo para computador, livro de trabalho no Excel, artigos técnicos de divulgação das reflexões resultantes do sistema e relatórios em formato digital.

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3418

Raisg se consolida e lança novos produtos

Durante o segundo semestre, a Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada (Raisg), que congrega instituições de países amazônicos e é coordenada pelo ISA, realizou várias reuniões de trabalho, avançando na elaboração de novos produtos. O grupo de técnicos construiu o projeto editorial do *Atlas Amazônia sob pressão*, e trabalhou na atualização do mapa de Áreas Protegidas e Terras Indígenas. Ambos estão previstos para serem lançados entre fevereiro e março de 2012. Outro produto que está em elaboração é a evolução do desmatamento na região referente aos anos de 2000, 2005 e 2010. A Raisg conta hoje com o apoio da Rainforest da Noruega, da Avina, da Fundação Ford e da Skoll.

Até 2011, a rede, que iniciou seus trabalhos em 2007, incorporou ao monitoramento os seguintes temas: energia; gás e petróleo; mineração; infraestrutura; aproveitamento florestal; focos de calor; Terras Indígenas e Áreas Protegidas; desmatamento (a cada dois anos) e Bacias hidrográficas. Entre 2012 e 2015, novos temas serão incorporados e a rede pretende ampliar parcerias para desenvolver um novo projeto.

Relatório mostra exploração ilegal na Terra do Meio

A equipe do Programa Xingu do ISA divulgou em setembro o relatório *Via de Direito, Via de Favor*, resultado de expedição realizada em setembro de 2010, em parceria com o ICMBio, a Rainforest da Noruega e a Fundação Moore. Imagens e relatos de moradores apontam para a degradação florestal oriunda de atividade madeireira ilegal no interior da Resex Riozinho do Anfrísio, na Bacia do Rio Xingu (PA). Trata-se de um "esquema" de roubo de madeira a partir do Assentamento Areia, que faz limite com a Resex.

Ameaças a lideranças e até mesmo intimidações de grilagem são apontadas pelos moradores. Tudo isso é reforçado por imagens recentes de satélite, que revelam uma intrincada rede de pequenas estradas numa área específica da Resex Riozinho do Anfrísio. A interpretação das imagens permitiu delinear mais de 119 quilômetros de

possíveis ramais madeireiros no limite oeste da Resex.

DISPONÍVEL EM
http://www.socioambiental.org/banco_imagens/pdfs/riozinho_anfrisio_baixa04.pdf

Nova edição do Pibão abrange período 2006-2010

Launched in November in São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Altamira and Manaus, the book *Povos Indígenas no Brasil* is a reference on the indigenous question. It summarizes the main events, between advances and setbacks, in the period 2006-2010 and presents a set of information that includes articles, news, photos and maps.

The series started in 1980 with the first volume featuring on the cover the leader kayapó Raoni Metuktire, known for his criticisms against the construction of the Belo Monte hydroelectric dam in Volta Grande do Rio Xingu, in Pará. Since the 1980s, Raoni has been a symbol of the Accelerated Growth Program (PAC) under President Lula and continues under President Dilma Rousseff. The current edition contains 165 articles, 810 news items extracted and summarized from 175 sources, 228 photos and 33 maps. It includes for the first time a special notebook of 32 pages with images of highlights.

The information is organized into six thematic chapters and 19 regional ones, totaling 778 pages that describe 235 indigenous peoples who live in Brazil and speak about 180 languages. Of these, 49 also live on the other side of the border, in countries that share a limit with Brazil. Among the highlights of the period are the controversial case of the homologation of the Terra Indígena Raposa-Serra do Sol, in Roraima, the creation of Working Groups by Funai to study the situation of Indigenous Lands outside the Amazon; the homologation of the TI Trombetas-Maçuera with almost four million hectares, located south of Roraima and northeast of Amazonas; the homologation of the TI Tupiniquim, in Espírito Santo, which reunited the TIs Pau Brasil and Caieiras Velhas, with a little more than 14 thousand hectares and the beginning of the desinvasion of the TI Apyterewa, in Pará, homologated in 2007, but occupied by 1,200 families of invaders. In return, they increased anti-indigenous actions in the Legislative and Judiciary.

The book is available on the ISA website for R\$ 75.00.

DISPONÍVEL EM
<http://www.socioambiental.org/loja>



© CLAUDIO TAVARES/ISA



© MARCELO DE SOUSA CAMALINTE/ISA



© FRANCIVALDO LIMA/ISA



© ROSANGELA ABRAMO/MUSEU DO ÍNDIO



© CLAUDIO TAVARES/ISA

From top to bottom: launch in Espaço Crisantempo in São Paulo; in GaleriAmazônica, in Manaus; in the Universidade Federal do Pará, in Altamira; in the Museu do Índio, in Rio de Janeiro; team that elaborated the Pibão



Cerca de 180 convidados assistiram ao documentário na Maloca do Conhecimento

Documentário da música baniwa estreia em São Gabriel da Cachoeira

O filme chama-se *Podáli: um documentário da música baniwa* e foi exibido em novembro, em noite de gala na Maloca Casa de Conhecimento, na comunidade de Itacoatiara-Mirim, na zona periurbana de São Gabriel da Cachoeira, noroeste amazônico. Seus autores são os cineastas indígenas estreados Moisés Baniwa e Paulinho Baniwa. Cerca de 180 pessoas entre jovens indígenas, amigos e autoridades da região assistiram a exibição.

Podáli narra o processo virtuoso que a comunidade vem experimentando desde que decidiu retomar e valorizar práticas que só se materializaram com a construção da maloca. Tanto os anciãos quanto os jovens da comunidade se deram conta de que, mesmo vivendo na periferia da cidade, a maloca e os conhecimentos que ela permite experimentar são fundamentais para o viver

bem no mundo de hoje. Nesse contexto, realiza-

ram, em outubro de 2010, uma viagem de reencontro com objetos sagrados mencionados na literatura antropológica como flautas e trompetes *Kowai* (Jurupari) e chamados *waferinaipeem* língua baniwa (em português, ancestrais, antepassados, avós). A comunidade os havia deixado submersos em igarapés do Rio Ayari, a jusante do Alto Rio Negro, de onde partiram para a cidade de São Gabriel há 25 anos, depois do último ritual de iniciação que realizaram. A viagem foi registrada pelos cineastas indígenas e inspirou boa parte do documentário. Um dos desafios da equipe foi o “segredo” que envolve o som e a imagem das flautas, proibidas sobretudo para as mulheres baniwa e de outras etnias do Rio Negro.

SAIBA MAIS EM:
www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=3452



INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Conselho Diretor: Neide Esterci (presidente), Marina Kahn (vice-presidente), Ana Valéria Araújo, Jurandir Craveiro e Tony Gross; **Secretário Executivo:** André Villas-Bôas; **Secretária executiva adjunta:** Adriana Ramos.

APOIO INSTITUCIONAL Icco (Organização Interdesplacada para Cooperação ao Desenvolvimento) e NCA (Ajuda da Igreja da Noruega)

BOLETIM SOCIOAMBIENTAL Edição: Maria Inês Zanchetta – editora (MTB 11.616-SP). Jornalistas: Christiane Peres e Oswaldo Braga de Souza.

Ilustrações e logomarca: Rubens Matuck; **Projeto gráfico e editoração eletrônica:** Ana Cristina Silveira. **Visite nosso site:** www.socioambiental.org

ISA SÃO PAULO Av. Higienópolis, 901, 01238-001, São Paulo (SP), tel: (11) 3515-8900 / fax: (11) 3515-8904, isa@socioambiental.org • **ISA BRASÍLIA** SCLN 210, bloco C, sala 112, 70862-530, Brasília (DF), tel: (61) 3035-5114 / fax: (61) 3035-5121, isadf@socioambiental.org • **ISA MANAUS** Rua Costa Azevedo, 272, 1º andar, Largo do Teatro, Centro, 69010-230, Manaus (AM), tel/fax: (92) 3631-1244/3633-5502, isamao@socioambiental.org • **ISA BOA VISTA** R. Presidente Costa e Silva, 116, 69390-670, Boa Vista (RR), tel: (95) 3224-7068 / fax: (95) 3224-3441, isabv@socioambiental.org • **ISA SÃO GABRIEL** Rua Projetada, 70, Centro, Caixa Postal 21, 69750-000, São Gabriel da Cachoeira (AM), tel/fax: (97) 3471-1156, isarn@socioambiental.org • **ISA CANARANA** Av. São Paulo, 202, Centro, 78640-000, Canarana (MT), tel: (66) 3478-3491, isaxingu@socioambiental.org • **ISA ELDOorado** Rua Paula Souza, 103, 11960-000, Eldorado (SP), tel: (13) 3871-1697, isaribeira@socioambiental.org • **ISA ALTAMIRA** Rua Professora Beliza de Castro, 3253, Jd. Independente II, 68372-530, Altamira (PA), tel: (93) 3515-0293.